

Os Lele do Kasai em foco: uma análise das fotografias do trabalho de campo de Mary Douglas¹

Christiano Key Tambascia

Doutorando do programa de Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas – IFCH/UNICAMP

Abstract: Mary Douglas did her fieldwork research in the Kasai region, in the former Belgian Congo, in the fifties. The *Lele of the Kasai*, published in 1963, is the resulting monograph, that follows the conventions of the model of the post-war africanist structural functionalism. A facet less explored in her work is the album of photographs she took in the field in 1953. The album consists of 160 photographs which were organized in themes that follow the same logic of the published ethnographic research. In the consideration on the ethnographic enterprise, visual metaphors – the “anthropological stance” – are frequently employed to highlight the influence of the theoretical paradigms that guide the “ethnographic observation”, as well as to make present the ethnographic moment in the text written a posteriori. Nonetheless, the anthropologists tend to think less about the textuality present in the images produced in the field, considered as illustrations of the text. The objective of this paper is to analyze the relation between the album and the monograph, contributing to the discussion on the construction of the anthropological knowledge, making explicit the way in which the ethnographer re-creates the analyzed society, in photography and in text.

Palavras-chave: fotografia, etnografia, Mary Douglas.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Sabíamos que topariamos com muitas coisas além da nossa compreensão, muitas coisas desagradáveis, muitas coisas que nos incomodariam. Não há como evitar isso em um país estrangeiro. Mas decidimos que, se tivéssemos críticas a fazer, elas seriam baseadas apenas no que havíamos visto, e não em posições preconcebidas.

No devido momento, nosso pedido de visto foi encaminhado a Moscou e, após uma espera razoável, o meu foi aprovado. Dirigi-me então ao consulado russo em Nova York, onde o cônsul-geral me disse:

- *Também achamos que este é um projeto interessante, mas por que levar um fotografo? Há muitos na União Soviética.*
- *Mas vocês não têm nenhum Capa – repliquei. – Se isto vai ser levado adiante, tem de ser feito como um todo, como uma parceria.*

Havia relutância para se autorizar a entrada de um fotógrafo na União Soviética, mas nenhum problema em relação a mim, e isso nos pareceu curioso, pois a censura pode controlar os filmes, mas nada pode fazer quanto às opiniões de um observador.

John Steinbeck. Um diário Russo.

Na ciência, como na vida, só se acha o que se procura. Não se pode ter as respostas quando não se sabe quais são as perguntas. Por conseguinte, a primeira exigência para que se possa realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso em teoria antropológica, que dê as condições de saber o quê e como observar, e o que é teoricamente significativo.

Edward Evans-Pritchard. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo².

Fui à aldeia na esperança de fotografar alguns estágios do bara, Distribuí meios bastões de tabaco, depois assistia a algumas danças; em seguida tirei fotos – mas os resultados foram muito ruins. Não havia luz suficiente para os instantâneos; e eles não posavam durante tempo suficiente para fotos com exposição mais demorada. – Havia momentos em que eu me enfurecia com eles, especialmente porque depois de eu lhes dar suas porções de tabaco eles todos iam embora.

Bronislaw Malinowski. Um diário no sentido estrito do termo³.

² Evans-Pritchard (2005), p. 243.

³ Malinowski (1997), pp. 102 - 103.

Introdução

Parece haver consenso em afirmar que o lugar da fotografia na pesquisa antropológica é alvo de discussões acaloradas, sem um status definido. Se a história de ambas se confundem e se entrelaçam, em meados do século XIX, o estatuto da fotografia na pesquisa antropológica e o lugar da “Antropologia Visual” como um campo de conhecimento na disciplina variam. Parto aqui da hipótese de que existe uma correlação entre o fazer etnográfico e o paradigma que orienta a observação (e a escrita), com o uso da fotografia pelos pesquisadores. O objetivo deste trabalho é, assim, traçar algumas das possibilidades de análise da fotografia na pesquisa antropológica quando pensadas em relação ao conjunto da obra, e o que esta análise pode oferecer para trilhar novos caminhos para a compreensão das pesquisas etnográficas e, por conseguinte, da construção do conhecimento antropológico. Analisarei, em especial, o conjunto de fotografias, pouco conhecidas, de Mary Douglas, de modo a refletir sobre a pesquisa de campo da antropóloga e sua importância na teoria produzida posteriormente. A análise do registro de Douglas em campo pode trazer elementos que possibilitem a reflexão sobre os pressupostos e interesses de pesquisa, à luz do contexto do campo antropológico britânico de meados do século XX e em conjunto com a análise da produção escrita – as monografias etnográficas publicadas. Pois parece haver uma correlação entre o “olhar” de Douglas dos Lele, o que é fotografado e de que maneira, e a composição e arranjo temático das fotografias, com os temas abordados na monografia, que devem, por sua vez, ser analisados à luz do estrutural funcionalismo e do africanismo inglês de sua época.

A fotografia na pesquisa antropológica: algumas considerações

É evidente que o registro imagético da alteridade está anos-luz de distância das fotografias antropométricas do século XIX, interessadas em demonstrar a “fisicalidade” da ancestralidade humana, sob uma perspectiva evolucionista, tal como observada nos “povos exóticos” visitados pelos etnógrafos, missionários e viajantes. Desde a expedição de Cambridge no Estreito de Torres liderada por Haddon que o registro fotográfico demonstra a rejeição da idéia de fotografar o sujeito estudado em um ambiente controlado. Trata-se, ao contrário, de estudar o outro em seu contexto.

A fotografia acompanhou, em grande medida, as mudanças da concepção do fazer antropológico, e do papel do observador no encontro etnográfico. O que é fotografado diz muito sobre a maneira como o etnógrafo entende por pesquisa antropológica: um observador neutro, o testemunho do cotidiano, ou o registro de eventos significativos, ou de rituais

emblemáticos da sociedade analisada⁴. Malinowski, por exemplo, dava ênfase no dramático, no excepcional, e compunha suas monografias de forma que fotografia e texto apoiavam-se mutuamente (Samain, 1995). Shapera, por outro lado, dava ênfase no ordinário, mas parecia considerar as imagens apenas como registro pictório do cotidiano analisado (Comaroff e Comaroff, 2006).

O realismo do suporte fotográfico partilha de certos pressupostos etnográficos que por muito tempo orientaram a observação etnográfica. O “ver”, registrado pelo antropólogo, transpõe o referente diretamente, em teoria. Duplo do testemunho escrito, a imagem compõe como suporte e complemento, o texto etnográfico (como no caso de Malinowski, e, em outro sentido, no caso da pesquisa em Bali de Margaret Mead e Gregory Bateson), em relações variáveis – como ilustração ou como parte de reflexão (Mendonça, 2000). Indissociável do texto na apresentação da alteridade, a fotografia também cumpre a função de legitimar o “estar lá”, criticado por uma crítica pós-moderna que denuncia a autoridade etnográfica. Mais real do que o texto, inclusive, a fotografia, ao contrário do relato, com suas hipérboles, “não pode mentir”⁵. A imagem é a mimese do referente, o momento congelado.

Entretanto, a idéia do naturalismo da linguagem imagética presente na idéia do “espelho fotográfico” foi logo criticada segundo os usos sociais que conferem à perspectiva adotada no retrato, a qualidade de realidade. Trata-se da adoção de uma reflexão, ao contrário, acerca da representação do real, da maneira como a composição fotográfica possui um caráter interpretativo, transformador inclusive (porque seleciona arbitrariamente). O valor de um objeto de pesquisa depende dos interesses do pesquisador, demonstrando a existência de uma hierarquia de legitimidade dos objetos de pesquisa em dadas sociedades, em dados momentos (Bourdieu, 1965). É, como na generalização antropológica que parte de fragmentos de cultura pela observação e por relatos de informantes, uma unificação e representação metonímica do momento (Edwards, 1992).

Grimshaw (2008) lembra, além disso, da inovação reflexiva dos filmes etnográficos de Jean Rouch, que rejeita o pressuposto da neutralidade do observador, e não só admite que o fotógrafo faz parte do evento fotografado, como ele próprio é um catalizador singular daquele momento. A autora, em sua análise do lugar da fotografia na antropologia, também fala da desconfiança com a antropologia visual como um campo legítimo de pesquisa, bem como da divisão de trabalho na academia que define o status da antropologia visual como uma sub-

⁴ Afirma Samain (1995, p. 43): “Significa que a constituição de uma antropologia visual, qualquer que seja, não deverá minimizar o impacto, os condicionamentos, os imperativos, que todo projeto teórico antropológico crava na visualidade do próprio pesquisador”.

⁵ Dubois (2000), p. 25.

disciplina. A crítica, portanto, parece girar em torno da fotografia como realidade congelada ou como interpretação do fotógrafo, suporte carregado de significados da realidade cultural retratada (Andrade, 2002).

O que está em discussão é, por um lado, o realismo da fotografia, ou da possibilidade de acesso direto, pela imagem, do retratado, e por outro lado, a fotografia como linguagem e construção narrativa da alteridade pelo fotógrafo – parte de uma espécie de discurso que pode ser analisado em conjunto com outras formas de representação perpassadas de poder.

Entretanto, menos que advogar a impossibilidade da pesquisa antropológica, na escrita e na fotografia (documentos etnográficos interpretativos, literatura), uma reflexão sobre os múltiplos sentidos na fotografia etnográfica pode abrir caminhos para a investigação da constituição do conhecimento antropológico, os pressupostos partilhados pelo pesquisador e a singularidade do encontro etnográfico.

Partindo do pressuposto que o conhecimento etnográfico é mediado, sua construção deve ser analisada nos contextos em que foi produzida e em que é utilizada. Portanto, podemos pensar sobre a correlação entre os interesses do pesquisador (dependendo de sua trajetória e do campo antropológico de que faz parte) e o que é selecionado na análise textual e imagética, sem deixar de considerar o valor documental da fotografia. O fato do documento ser produzido no interior de um campo e segundo um conjunto de convenções que lhe são peculiares, não significa que ele deixe de ser um registro histórico de um evento.

O posicionamento da etnógrafa em sua pesquisa

Testemunha de um momento específico ou representação construída? Talvez seja o caso de considerar que todo testemunho é uma representação. A fotografia como fonte documental de uma realidade não mediada, ou como expressão da interpretação do fotógrafo, ou dos contextos políticos em que ambos se inserem (Wright, 1999). Mais do que isso, o uso da imagem na pesquisa é essencial para sua devida apreciação. A fotografia, aliada ao texto, demonstra a existência do par indissociável de informação que recorta e seleciona determinadas formas de interpretação. Por exemplo, a forma de compreensão das pranchas fotográficas de *Balinese Character*, o magnífico trabalho de Mead e Bateson, é indissociável das legendas e da interpretação dos autores do significado das seqüências imagéticas. Estas, por sua vez, devem ser compreendidas sob a luz do paradigma culturalista da Escola de Cultura e Personalidade dos alunos de Franz Boas. Elas procuram demonstrar o “Ethos balinês”, o padrão de cultura que se mostra na corporalidade desvendada no comportamento

fotografado em sequência (Samain, 1995). Mas o que pode ser apreendido das imagens? O que as imagens podem dizer sobre o lugar dos etnógrafos em campo?

Tomemos então o álbum de fotografias de Mary Douglas. Ao relacionarmos o álbum com a monografia Lele temos possibilidades de análise interessantes para refletir sobre o lugar de Douglas em sua própria pesquisa. A análise dos diários de campo de Mary Douglas já revela um grande desinteresse na reflexão de seu lugar como pesquisadora no encontro etnográfico. Se tomarmos a primeira versão da monografia, *A Study of the Social Organization of the Lele of the Kasai*, defendida em 1952, Douglas ainda está “presente” no encontro etnográfico, na interlocução, se é possível dizer isso, com os sujeitos de pesquisa⁶. Os diários de caça, as histórias relatadas, ainda procuram etnografar e registrar, construindo uma sociedade como uma imagem vivida do observado. Já em *The Lele of the Kasai*, de 1963, o “eu” no texto praticamente desaparece, a menos que seja na posição de uma observadora mais distanciada. As fotografias publicadas neste livro parecem tentar demonstrar uma representatividade imagética do observado, da etnografia, mas de uma maneira abstrata, de forma a analisar o simbolismo da sociedade Lele, seu modelo de organização social. E se lembrarmos que Douglas escrevia praticamente ao mesmo tempo *Purity and Danger*, temos que os dados etnográficos assumem cada vez mais um valor de legitimação e suporte para um modelo teórico mais geral e para uma sociologia epistemológica do fundamento simbólico nas sociedades humanas muito mais universalista⁷. As idéias parecem querer conversar entre si, à revelia do encontro. O que se pretende alcançar com os dados etnográficos é pensar sobre a perspectiva dos sistemas de idéias. A comparação destes três momentos revela posicionamentos discursivos distintos do sujeito do conhecimento para Mary Douglas.

Mas e as fotografias de Douglas tiradas em campo? O que revelam?

O álbum de fotografias de Mary Douglas

Em dezembro de 1953, Mary Douglas, tendo acabado de defender sua tese de doutoramento sobre os Lele do Kasai, voltou para a região onde realizou seu trabalho de campo para mais alguns meses de pesquisa. Foi nesta segunda viagem que produziu as

⁶ Diz Douglas sobre os tabus alimentares, a organização dos cultos Lele, e as diferenças da observância das regras e da restrição alimentar entre homens e mulheres: “I was often asked, by men as well as women, what food taboos were observed by my fellow-countrywomen, and was always made to feel that there would be some loss of prestige if I admitted that English women do not distinguish themselves from men in this way” (pp. 57-58).

⁷ Como é possível concluir das observações sobre os tabus Lele, suas interdições alimentares, o simbolismo do pangolim, e sua comparação com o Velho Testamento.

fotografias que reuniu em um álbum, que ficou em sua posse até seu falecimento, em maio de 2007. Algumas imagens haviam sido utilizadas na monografia resultante da pesquisa, *The Lele of the Kasai*. Outras esparsas parecem ter sido doadas, em épocas distintas, para o Royal Anthropological Institute e para o centro de etnografia e antropologia do British Museum, ambos em Londres. Com mais algumas fotografias de Mary em campo, tiradas pelo fotógrafo e antropólogo William Fagg, estes parecem ser os únicos registros fotográficos da pesquisa que Douglas realizou.

Algumas fotos foram utilizadas em seus trabalhos, segundo Richard Fardon, seu biógrafo, de maneira ilustrativa:

“Like most Oxford anthropologists of her generation, I expect she anticipated her photographs being used to illustrate her articles and monograph (a la E-P). Beyond that, she does seem to have been interested in sequences about technical processes. Then there are the more private photographs (with missionaries etc), probably never intended for publication”⁸.

A grande maioria das imagens parece ter permanecido não utilizada. Até onde pude constatar, em *The Lele of the Kasai*⁹ são publicadas quatro fotos. No artigo “Social and religious symbolism of the Lele of Kasai”¹⁰, duas fotos, presentes no álbum, ilustram a lógica simbólica da distribuição da carne caçada, demonstrando a relação entre posição social e cosmologia Lele. No artigo “The environment of the Lele”¹¹ são utilizadas sete fotografias, sendo que apenas uma não se encontra no álbum. No artigo “Animals in Lele religious symbolism”¹² três outras imagens são usadas para ilustrar a importância do pangolim e de outros animais na concepção Lele de feitiçaria e religião. Em “Tribal policies for the old”¹³, uma única fotografia de um ancião Lele é mostrada, mas também não se encontra no álbum¹⁴. Finalmente, há três fotos em “Man in Society”¹⁵.

Mary havia levado consigo uma Hasselblad, uma câmera semi-profissional, e uma Brownie Kodak, uma máquina em forma de caixa, de baixo custo. A Hasselblad teria sofrido com a umidade, o que levou a antropóloga utilizar a câmera mais simples. E foi com esta máquina que Douglas fez os registros imagéticos de sua pesquisa.

⁸ Comunicação pessoal. Evans-Pritchard, que foi orientador de Douglas, era chamado por seus colegas e alunos de “E-P”.

⁹ Douglas (1963a), p. 50.

¹⁰ Douglas (1955a), p. 393.

¹¹ Douglas (1955b), pp. 816.

¹² Douglas (1957), p. 50.

¹³ Douglas (1963b), p. 14.

¹⁴ Até onde pude descobrir, as fotos que não se encontram no álbum se extraviaram.

¹⁵ Douglas (1968).

O álbum consiste de 160 fotografias dispostas em 36 páginas e estão, em sua maioria, agrupadas em temas propostos por Douglas. A maioria das fotografias possui, além disso, legendas com informações explicativas. Os tópicos criados são: “crianças”, “arranjos alimentares”, “limpeza florestal para milho”, “ráfia”, “teares”, “costura”, “vinho de palmeira”, “ipaci”, “casa – mudança ; casa – reparo”, “entalhe”, “alimentando cães”, “antes da caçada”, “caça na estação de seca ; queimando a campina”, “depois da caçada as vilas se encontram para luta”, “depois da caçada”, “manhã depois da caçada – divisão da carne por Babori”, “óleo de palmeira”, “prensando óleo para consumo doméstico ; vendendo fruta de palmeira para a Companhia”, “a floresta”, “dança – tambor”, “dança”, “religião e magia”, e “oráculos”.¹⁶

Comparemos a organização do álbum com os tópicos ressaltados nas monografias¹⁷: Temos que ela inicia os livros com uma introdução dos Lele na literatura etnográfica e os situa geograficamente. Também discute aspectos da economia Lele e da distribuição da riqueza. Analisa a importância dos clãs, a relação entre as vilas, o simbolismo presente nas atividades Lele, e a organização social etária. Reflete sobre a importância da “esposa comunal”¹⁸ e dos sistemas de compensação e reciprocidade nas relações de parentesco. E por fim pensa sobre religião e feitiçaria e suas formas de controle social Lele.

As fotografias podem ser separadas entre retratos, em que indivíduos Lele (nomeados algumas vezes) olham diretamente para a etnóloga e sua lente, evidenciando sua presença e uma interação direta entre ambos. Ou fotografias de planos médios, ideais para registrar um evento, um encontro de significado social e simbólico: o ritual de caça, o ritual de luta; ou o registro de afazeres domésticos, revelando o interesse em aspectos técnicos e tecnológicos (ainda sim, em muitas destas imagens de plano médio, a relação entre a fotógrafa e o fotografado é traída por um olhar direto deste último para a lente, ao se perceber observado). Em apenas duas fotografias pode-se perceber o “contato” com o Ocidente, quando a antropóloga registra a venda de óleo para a “Companhia”¹⁹. Outras duas fotografias mostram

¹⁶ No original em inglês, respectivamente: “children”, “feeding arrangements”, “forest clearing for maize”, “raffia”, “weaving looms”, “sewing”, “palm wine”, “ipaci”, “house – moving ; house – repair”, “carving”, “feeding dogs”, “before the hunt”, “dry-season hunting ; burning the grass-land”, “after the hunt the villages meet for wrestling match”, “after the hunt”, “morning after the hunt – division of the meat by Babori”, “oil palm”, “pressing oil for domestic consumption ; selling palm fruit to the Company”, “the forest”, “dance – drum”, “dance”, “religion and magic”, “oracles”.

¹⁷ Douglas (1953) e Douglas (1963).

¹⁸ Em inglês, “village-wife”.

¹⁹ A Huilerie du Congo Belge – a “Companhia”. É importante ressaltar que a própria Douglas afirma que um dos motivos que a fizeram escolher realizar o trabalho de campo no Kasai, foi

Douglas em campo, na chegada no navio a vapor, e sentada na varanda de sua casa, em ambas ocasiões com um impecável vestido branco. Existem também algumas fotografias que captam, quase com indiscrição, uma atividade individual tornada representativa: um banho, uma conversa. O “olhar” transita entre a tentativa de esconder-se e observar e o de registrar o encontro.

A fotografia parece ser em determinados momentos, no trabalho de Douglas, um suporte ilustrativo das observações do modelo construído da sociedade Lele. Dessa maneira, elas devem ser analisadas em relação ao auge do estrutural-funcionalismo inglês que buscava elaborar modelos sociais a partir da coleta de dados etnográficos. A “a-historicidade” das imagens e a preocupação com a apresentação dos aspectos fundamentais do que seria a sociedade Lele, devem ser compreendidas na tradição britânica de antropologia social. Neste aspecto, as fotografias de Douglas se distanciam do que John e Jean Comaroff encontraram nos registros imagéticos de Shapera, que segundo os autores, longe de tipificar o retratado, busca demonstrar quão porosas são as noções de “cultura” e tradição”²⁰. Entretanto, assim como com Shapera, diversas fotografias do álbum de Douglas parecem trazer o indivíduo, mesmo que ambos antropólogos se preocupem com análises sociológicas amplas.

O retrato tem, assim, um significado diferente das imagens etnográficas produzidas pelos trabalhos antropológicos das primeiras décadas do século. E contrastam com as fotografias da vida cotidiana ou de eventos significativos também presentes na coleção. Se elas têm a função de apresentar ao espectador ocidental os Lele, as fotos também permitem apreender a relação estabelecida com a etnógrafa, perdendo o caráter de mera ilustração e situando a singularidade do encontro e do momento. Em outras palavras, é possível realizar diferentes leituras das fotografias. São suporte para o modelo da sociedade Lele que é analisada, mas também são registro da passagem de Mary Douglas na região. Os retratos dos Lele, seu olhar para a lente de Douglas revelam, de certa maneira, sua presença. Mas se a sensibilidade fotográfica permite pensar sobre este encontro, torna-se claro que a antropóloga não reflete sobre o mesmo. Se elas dizem algo da sociedade visitada, ao serem comparadas com outros suportes biográficos (correspondências, diário de campo) e com uma análise do

o pouco contato que os Lele tinham com os europeus nesta época. De fato, na tese defendida em 1953, não havia menção ao “impacto europeu” na sociedade Lele. Apenas em 1963, com a publicação de *The Lele of the Kasai* que a autora dedicou um capítulo à questão. Douglas termina sua entrevista com Peter Fry em 1998: “Então, eu tinha realizado meu desejo. Fui para um lugar em que um povo elegante e inteligente vivia em uma região linda e montanhosa, com arcos e flechas, palmeiras, um grande rio, e florestas tropicais. Embora eles estivessem sob o controle do Estado belga, ainda viviam uma vida própria, com suas próprias tradições. Eles estavam bastante isolados” (Douglas, 1999, p. 156).

²⁰ Comaroff (2006).

campo africanista inglês da época (e da relação de Douglas com as principais figuras envolvidas), elas também podem contribuir para a compreensão da construção da reflexão etnográfica e o estatuto da etnografia na teoria douglasiana.

Bibliografia:

Andrade, Rosane de. *Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estacao Liberdade; EDUC, 2002.

Anthropology and Photography: 1860-1920. Elizabeth Edwads (ed.). New Haven: London: Yale University Press, 1992.

Bateson, Gregory e Margaret Mead. *Balinese Character: A Photographic Analysis*. New York: New York Academy of Sciences Special Publication, 1942.

Bourdieu, Pierre. *Un Art Moyen: essai sur lês usages sociaux de la photographie*. Paris: Lês Editions de Minuit, 1965.

Collier, Jr., John e Malcom Collier. *Visual Anthropology: Photography as a Research Method*. Albuquerque: University of New México Press, 1986.

_____ “Photography in Anthropology: A Report on Two Experiments”, *American Anthropologist*, Menasha, American Anthropological Association, volume 59, fevereiro de 1957, pp. 843-859.

Comaroff, Jean e Comaroff, John L. “Portraits of the ethnographer as a young man: Photographs of Isaac Shapera in ‘old Botswana’”, *Anthropology Today*, vol. 22, n. 1, Fevereiro de 2006, pp. 9-16.

Douglas, Mary. *A Study of the Social Organization of the Lele of the Kasai*. Tese de doutorado de Filosofia do St. Anne’s College, Oxford, 1953.

_____ “Social and religious symbolism of the Lele of Kasai”, *Zaire*, vol. 9, no. 4, 1955, pp. 385-402.

_____ “The enviroment of the Lele”, *Zaire*, vol. 9, no. 8, 1955, pp. 802-823.

_____ “Animals in Lele religious symbolism”, *Africa – Journal of the International African Institute*, vol. 27, n. 1, janeiro de 1957, pp. 46-58.

_____ *The Lele of the Kasai*. London: Oxford University Press, 1963.

_____ “Tribal policies for the old”, *New Society*, 25 de abril de 1963, pp. 13-14.

_____ *Man in Society. Patterns of Human Organization*. London; New York: Macdonald; Doubleday Pictorial Library, 1964.

_____ “Racionalismo e crença” – entrevista concedida a Peter Fry em dezembro de 1998, *Mana*, vol. 5, n. 2, outubro de 1999, pp. 145-156.

- Dubois, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas: Papirus, 2000.
- Fardon, Richard. *Mary Douglas: An Intellectual Biography*. London; New York: Routledge, 1999.
- Grimshaw, Anna. "Visual Anthropology", *A New History of Anthropology* (ed. Henrika Kuklick). Malden: Oxford: Victoria: Blackwell Publishing, 2008.
- Malinowski, Bronislaw. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1997.
- Mead, Margaret. "Anthropology and the Camera", *The Encyclopedia of Photography*, volume 1, William D. Morgan (ed), New York: Greystone Press, 1967, pp. 166-184.
- _____ e Frances Cooke MacGregor. *Growth and Culture: A Photographic Study of Balinese Childhood*. New York: Putnam, 1951.
- Mendonça, João Martinho de. *Os Movimentos da Imagem – da Etnografia à Reflexão Antropológica: Experimentos a partir do acervo fotográfico do professor Roberto Cardoso de Oliveira*. Dissertação de mestrado em Multimeios do Instituto de Artes, Campinas: UNICAMP, 2000.
- Notes and Queries on Anthropology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1951 (6ª. Edição).
- Samain, Etienne. "Balinese Character (re) visitado", in Alves, André. *Os Argonautas do Mangue*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- _____ "“Ver` e `dizer` na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia", *Horizontes Antropológicos*, ano 1, n. 2, Julho / Setembro de 1995, pp. 23-60.
- Schapera, Isaac. *Picturing a Colonial Past: the African Photographs of Isaac Schapera*. John L. Comaroff, Jean Comaroff, Deborah James (eds.). London; Chicago: The University of Chicago Press, 2007.
- Wright, Terence. *The Photography Handbook*. London; New York: Routledge, 1999.
- Young, Michael. *Malinowski's Kiriwina: fieldwork photography 1915-1918*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.